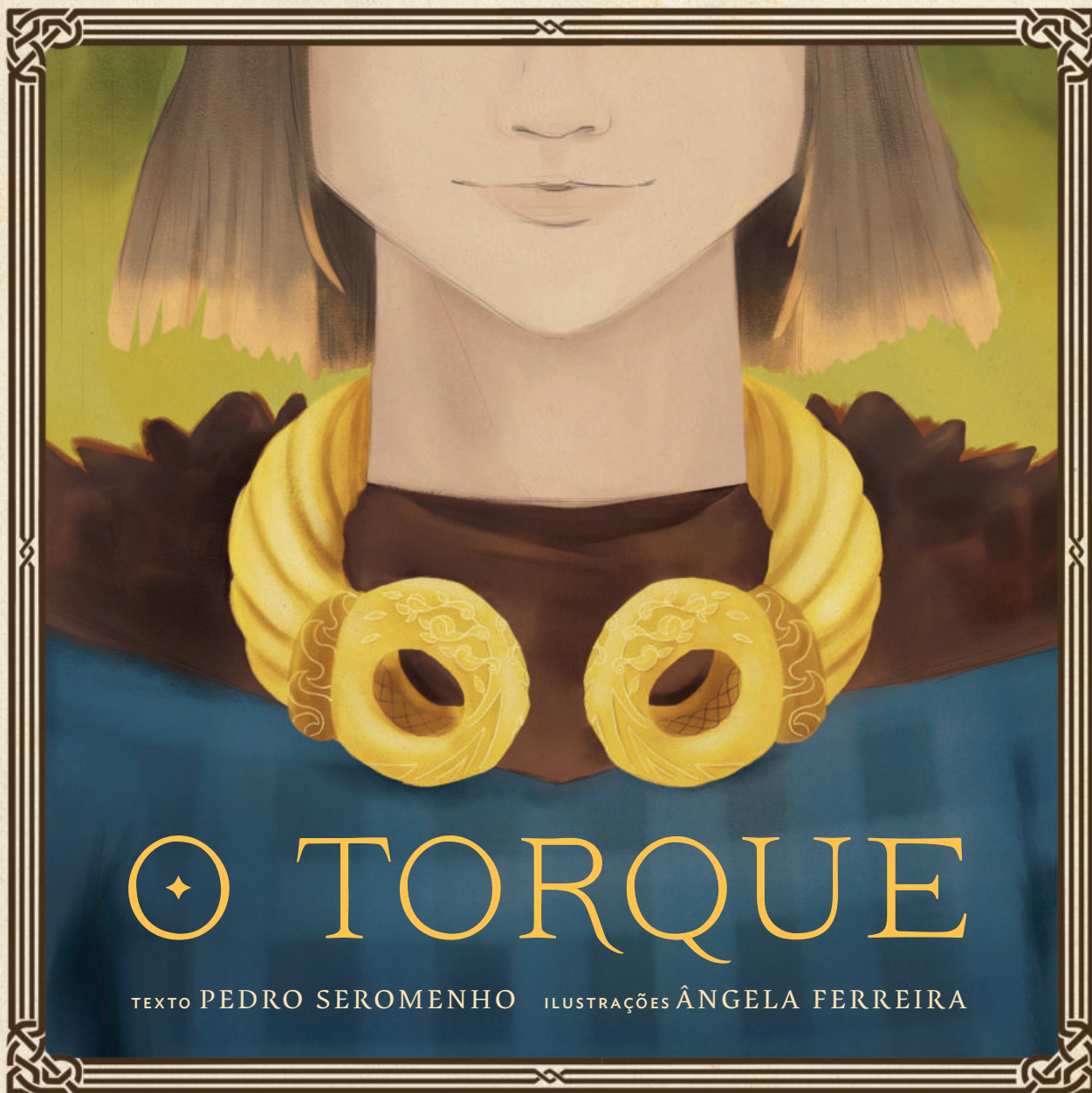


IDADE DO FERRO





©2022, EDITORA PALETA DE LETRAS

TÍTULO
O Torque

TEXTO
Pedro Seromenho

ILUSTRAÇÃO
Ângela Ferreira

DESIGN, EDIÇÃO E REVISÃO
Paleta de Letras

ISBN
978-989-53305-8-4

DEPÓSITO LEGAL

IMPRESSÃO
Empresa do Diário do Minho, Lda.
1ª Edição - Abril de 2022
Tiragem: 1.000 exemplares

©Reservados todos os direitos

Editora Paleta de Letras
www.paletadeletras.pt
editora@paletadeletras.pt

TEXTO
PEDRO SEROMENHO

ILUSTRAÇÕES
ÂNGELA FERREIRA



TORQUE





castro ficava no cimo de um monte, perto das nuvens, de onde se conseguia avistar o mar. E embora estivesse escondido entre rochedos e arvoredo, há muito que a sua existência navegava pelo rio Leça. Era um lugar fortificado com três fileiras de muralhas, que os protegiam da ira dos outros povos. Por não ser grande como a Citânia de Sanfins ou a Cidade de Terroso, ali todos se conheciam. No epicentro de uma mão-cheia de casas circulares de pedra com os telhados em madeira e colmo, havia um pequeno pátio onde as crianças brincavam ao entardecer. Assim que o sol se punha e as sombras se agigantavam até às copas dos carvalhos e dos castanheiros, o castro enchia-se de gargalhadas. Os rapazes conduziam varas de porcos como se estivessem a competir numa corrida e as raparigas ou traziam cestos com bolotas e medronhos ou cântaros cheios de água fresca da mina.





Entre as raparigas havia uma que se destacava pela sua agilidade e pelos seus cabelos curtos. Chamava-se Nantia e tinha tanto de delicadeza e formosura quanto de destreza e bravura! Os seus olhos eram da cor do mel e os seus cabelos de um tom castanho acobreado. Ao contrário das suas amigas, que traziam elegantes túnicas com bordados de flores, diademas na testa, brincos de cobre e longas tranças, a Nantia detestava adornos e vestia umas *bracae*, uma espécie de calças que eram usadas pelos homens da comunidade.

Depois de entregar as bolotas à sua mãe, para esta as moer num pequeno almofariz, a jovem apressou-se até à tenda do ferreiro e ficou a ver como este forjava o metal. Enquanto a sua mãe foi amassando o pão para o cozer no forno comunitário do Castro, a Nantia encantou-se com a habilidade do artesão entre o forno, o fole, a bigorna e o martelo.



— Artius, tu nunca te cansas? — perguntou a rapariga.

— Não. O trabalho faz-nos honrados. Adoro criar as armas que nos defenderão contra os nossos inimigos. Por vezes trabalho tanto, que me sinto a criar um exército! — gargalhou o ferreiro.

— Mas nós nunca travámos uma batalha!

— Eu sei. Era uma piada, rapariga. Em vez de fazer espadas e machados, passo a vida a fazer brincos, colares e braceletes para meninas. Agora que penso nisso, acho que foste a única que nunca me pediu nada.

— Não gosto dessas coisas. Dizem que sou uma maria-rapaz. — confidenciou-lhe a Nantia.

— Não te preocupes. Nós somos o que os deuses quiserem que sejamos. Encontrarás a tua sorte nos astros e o amor mais perto do que imaginas. — continuou a martelar o Artius.

— Farias uma espada para mim?

Então, o ferreiro finalmente parou e fez-se silêncio. Foi como o silêncio incómodo de um velório.

— Hmmm, não sei se o teu pai irá gostar da ideia. Não quero problemas com ele.

— Oh, vá lá, estou quase a fazer anos! Seria a prenda perfeita! Além disso, como tu próprio disseste, nunca te pedi nada! — insistiu a rapariga, cativando-o com a sua beleza angelical.

— Vou pensar no teu assunto. Uma espada, certamente que não, mas talvez consiga forjar um punhal. Terá que ser em ferro, porque ultimamente não consigo fazer a liga de bronze. O cobre está cada vez mais raro. Alguns dos meus clientes ainda não se habituaram à ideia, mas doravante tudo passará a ser forjado em ferro. É um metal muito mais resistente e duradouro!





Nessa noite, a Nantia ficou tão eufórica que nem conseguiu dormir. Imaginou-se a desfilar com o seu novo punhal à cintura. Começaria por se tornar numa exímia caçadora. Treinaria com os animais selvagens de pequeno porte e utilizaria o punhal para esfolar a caça e limpar o carnaz. Ajudaria a mãe a tratar dos curtumes e a raspar a gordura do caldeirão do lar. O punhal seria um fiel companheiro e jamais se separaria dele. À noite, depois de se sentarem no chão da casa para fazer as habituais preces ao deus Turiaco, a jovem Nantia jantou e ganhou coragem para partilhar a novidade:

— Pai, tenho uma coisa para te contar. — hesitou a Nantia, enquanto este terminava de orar.

— Diz, minha filha. Agora, sim, já podes falar.

— Pedi ao Artius que me forjasse um punhal para treinar. Será a minha prenda de anos!

O pai não lhe respondeu nem partilhou do seu entusiasmo. Ao invés disso, permaneceu impávido e sereno, pegou na sua flauta e começou a tocar. Em seguida, o músico abriu as goelas, gargarejou alguns sons até aquecer a voz e, de acorde em acorde, o nervosismo da Nantia e da sua mãe foi aumentando cada vez mais.

— Não me parece boa ideia. — respondeu finalmente, enquanto recuperava a respiração.

— Oh pai, mas é tão importante para mim! Estou ansiosa por treinar com os rapazes!

— Mas isso não será bem visto. Tenho de zelar pelo preço da honra desta casa. Além disso, és uma flautista talentosa. Deverias enveredar pela música ou pela dança. És elegante e a aldeia precisa de alguém que dance na grande festa do solstício que está prestes a acontecer.

— Uma coisa não invalida a outra! — esquivou-se a jovem. — Dançarei como uma guerreira e lutarei como uma dançarina! Sei que queres o melhor para mim. A maioria dos pais deseja que os filhos sigam as suas pegadas, mas eu já tracei o meu caminho. É um caminho arriscado, mas é o meu!

— Então terás de te preparar para as más-línguas e para as pessoas mal intencionadas. Além disso, tenho medo que te aleijes. — admitiu o pai, desafinando e trocando uma nota musical.

— Não temas, pai. Terei o teu amor a proteger-me! — abraçou-o a jovem, serenando-o.

Enquanto as outras raparigas preferiam afastar-se do castro para se pentearem debaixo de um sobreiro entre segredos e confidências amorosas, a Nantia permanecia no pátio e entretinha-se a forrar o seu escudo de madeira com peles. É a melhor estratégia para amortecer as investidas do adversário sem rachar. E enquanto se aprumava a preceito como uma guerreira montada num cavalo, imaginava um exército inimigo a chegar em barcos e a subir pela encosta armado e enraivecido. Ainda assim, o seu povo não recuaria nem se esconderia. Pelo contrário, estaria a postos para se defender e retaliar com todas as armas e truques que tinha. No meio da azáfama, seria o seu tio Alecius, o ancião xamã da aldeia, a benzê-la com uma espécie de magia branca que a protegeria em plena batalha e, segundos antes desta começar, oferecer-lhe-ia um torque para colocar ao pescoço e lutar com honra!

O torque é o símbolo máximo da força e da bravura do guerreiro galaico. É o que o torna destemido e selvagem como um javali. Só os mais valentes o podem usar! Assim se tornaria uma guerreira galaica, sonhava ela, enquanto agitava o escudo e desafiava o vento numa dança ágil e atrevida.



No dia do seu aniversário, a sua mãe aproveitou a lã que havia sobrado das camisolas e fez-lhe uma *brat*, uma espécie de capa. Agora que tinha um punhal, um escudo e uma *brat*, a Nantia sentia-se uma deusa guerreira! Estava pronta para enfrentar quem quer que fosse! Claro que nem tudo era um mar de rosas na vida desta jovem. Havia quem passasse a vida a gozá-la por ela ser como era. A sua postura e trejeitos másculos deixavam-na à mercê das maiores crueldades. Um dos que mais implicava com ela era o jovem Vecius, filho primogénito do chefe da aldeia. Andava sempre a engendrar armadilhas para a expor perante os demais. Uma vez convocou-a para um falso duelo, trepou uma árvore e deitou-lhe estrume com penas de galinha. Em seguida, chamou os amigos e desataram todos a cacarejar. Era um rapaz algo cruel, que não a deixava em paz. Todavia, naquele dia, tudo correu como previsto: a jovem aniversariante foi buscar o seu punhal e exibiu-o às amigas, que ficaram boquiabertas. Não teria arranjado melhor prenda.





Na semana seguinte, a jovem foi ainda mais longe: procurou um dos guerreiros mais afamados do castro e rogou-lhe que a treinasse. Obviamente, o guerreiro começou por recusar a ideia. Não estava à espera daquilo. Todavia, perante tamanho atrevimento, acabou por lhe dar uma pequena chance para demonstrar o seu valor. Deixou-a participar num dos seus treinos e deu-lhe o privilégio de enfrentar um dos seus novatos. Era a oportunidade de que a Nantia precisava e bastaram alguns minutos para a troça dos rapazes se tornar em estupefação. De repente, já nenhum deles queria lutar contra a jovem, porque sempre que perdiam tornavam-se alvo de chacota. Aos poucos, a Nantia conquistou tudo e todos com a sua elegância e mestria na espada. O único que a continuava a gozar era o insolente Vecius.



Na grande festa do solstício, a Nantia surgiu vestida de branco como um anjo celestial. O seu pai começou a tocar a sua flauta e a jovem convidou a sua mãe para dançar. Assim começou a maior festa de sempre! O chefe do castro encomendou um brinde aos deuses pelas boas colheitas e houve veado para todos! Depois da noite cair, a música invocou os astros, o fogo iluminou o céu e todos cantaram, dançaram e divertiram-se!





Foi então que, em plena festa, o jovem Vecius resolveu meter-se em problemas. Aventurou-se para lá do Monte Padrão e perdeu-se na sua aventura. Por ser uma noite de pouca lua, não lhe foi fácil reencontrar o trilho de regresso. Preocupado, o chefe do castro reuniu alguns habitantes, formou vários pelotões de busca e tomaram diferentes direções. Claro que a Nantia não ficou de braços cruzados. A mãe tentou demovê-la, mas a jovem juntou-se a um dos grupos e rumou até à floresta sombria. Por mais que não gostasse de Vecius jamais permitiria que este se aleijasse ou morresse!

Após várias horas sem sucesso e quando já se preparava para regressar ao povoado, o pelotão onde estava a Nantia ouviu um súbito pedido de socorro. Era uma voz frágil e amedrontada, que se misturava com o rosnar de vários canídeos em redor. Todos se aperceberam imediatamente do que se tratava. Enquanto o rapaz se equilibrava no ramo de uma árvore, os lobos iam saltando à vez, tentando alcançá-lo e mordê-lo nos pés. Ao ver aquele cenário, a Nantia soltou um grito grave e cavernoso, desatou a correr e desembainhou o seu punhal, cravando-o no dorso de um dos lobos. Os restantes membros da alcateia viram-se surpreendentemente desafiados e fugiram em debandada.





A festa do solstício terminou por ali. Prometia muito, mas acabou mais cedo do que era desejado. Felizmente, o jovem Vecius regressou são e salvo. No fundo era o que mais importava! O seu pai chorou de felicidade e quis agradecer a ajuda de todos. Como lição de vida, o chefe da aldeia obrigou o seu filho a recompensar a Nantia com o que esta mais desejasse.

Foi o próprio Vecius que a conduziu até ao balneário castrejo e a banhou numa cerimónia de elevação, oferecendo-lhe o torque que esta nunca mais deixou de envergar. A partir desse dia tão especial, muitas outras mulheres passaram a usar os torques e a lutar como guerreiras galaicas.

A jovem Nantia cresceu e conheceu o amor da sua vida. Estava mais perto do que ela imaginava. Na realidade, era o filho do seu vizinho, que acabara de chegar de uma viagem às Astúrias. Foi amor à primeira vista! Após se casarem e serem abençoados com o nascimento de uma filha chamada Alana, todos se foram esquecendo da valentia e da coragem de uma maria-rapaz que não temia nada nem ninguém. A força guerreira transformou-se no amor e carinho de uma mãe. Não há força maior.

Desde então, muitos foram os solstícios que se comemoraram, até ao dia em que o xamã Alecius acordou sobressaltado com uma visão estranha. Acabara de sonhar com uma bandeira vermelha manchada de sangue, onde estava desenhada uma águia. Os habitantes do castro riram-se dele, dizendo-lhe para não beber tanto hidromel, mas Nantia não gostou do que ouviu. Estranhamente, o dia estava soalheiro, mas não parava de trovejar. Havia algo de premonitório.





No cimo daquele monte havia um castro de onde se avistava o mar. Era ali que morava uma jovem diferente de todas as outras da sua idade. Chamava-se Nantia e o seu maior desejo era o de se tornar numa guerreira para defender a sua aldeia. Todos os dias sonhava com o seu precioso torque.

ISBN 978-989-53305-8-4



9 789895 330584 >



COFINANCIADO POR:

